

SEMANA TEOLÓGICA – SÍNTESE DO TERCEIRO DIA

O legado de Francisco | Prof. Dr. Pe. Alexandre Fravetto | 28 de outubro de 2026

A conferência do terceiro dia da Semana Teológica, dedicada ao tema “O legado de Francisco”, apresentou o pontificado a partir da recepção do Concílio Vaticano II e de seus desdobramentos na vida da Igreja. O palestrante propôs compreender esse legado não como um conjunto de medidas isoladas, mas como uma maneira de interpretar a tradição, renovar a prática eclesial e responder aos desafios do tempo presente.

1. A recepção do Vaticano II

Enquanto João Paulo II e Bento XVI participaram diretamente do Concílio, Papa Francisco desenvolveu sua formação e seu ministério no período posterior, marcado pela recepção das orientações conciliares. Com base em Yves Congar e Dario Vitali, o conferencista explicou que receber um concílio não significa apenas executar decisões, mas assimilá-las, interpretá-las e fazê-las frutificar em novas circunstâncias. Recordou também o discurso de Bento XVI à Cúria Romana, em 2005, sobre a “hermenêutica da reforma”, entendida como renovação na continuidade da mesma Igreja. Nesse percurso, Santiago Madrigal identifica o chamado “efeito Francisco”: com a exortação *Evangelii gaudium* (2013), a recepção do Vaticano II adquire um impulso missionário e sinodal mais diretamente orientado à prática.

2. Tradição viva: fidelidade e renovação

A partir de reflexões de João Décio Passos e Dario Vitali, destacou-se a tensão fecunda entre conservar e transformar. Francisco não é apresentado como alguém que rompe com a tradição, mas como um pontífice que procura renová-la a partir do Evangelho, dos testemunhos bíblicos e das fontes patrísticas, em diálogo com as necessidades contemporâneas. Para ilustrar essa compreensão, o palestrante retomou a imagem da tradição não como uma âncora que imobiliza, mas como raízes que sustentam o crescimento da árvore e permitem novos frutos. Assim, a fidelidade cristã não se reduz à repetição de formas históricas: exige discernimento para conservar o essencial e responder aos novos desafios.

3. A Igreja como Povo de Deus

O primeiro eixo eclesiológico foi a recuperação da imagem do Povo de Deus, desenvolvida no segundo capítulo da *Lumen gentium*. A Igreja é, antes de tudo, mistério de comunhão e povo convocado por Deus; sua organização hierárquica está a serviço dessa realidade. Francisco traduz essa perspectiva na corresponsabilidade dos batizados e na valorização do *sensus fidei*, o sentido da fé dos fiéis, tratado em *Lumen gentium* 12 e *Evangelii gaudium* 119–120. Na história da teologia, Melchior Cano já refletia sobre o consenso dos fiéis como testemunho da tradição apostólica. O fundamento dessa participação não é uma simples soma de opiniões, mas a ação do Espírito Santo na vida do Povo de Deus, em comunhão com seus pastores.

4. Igreja em saída, misericórdia e cuidado

A eclesiologia conciliar ganha expressão pastoral nas imagens de uma Igreja em saída, de um hospital de campanha e de uma Igreja samaritana. O palestrante relacionou essas expressões ao *aggiornamento* conciliar, isto é, à necessária atualização da presença e da missão da Igreja. A evangelização não se limita às estruturas internas: requer proximidade com as periferias, escuta das pessoas feridas e disposição para acompanhar, discernir e integrar. A misericórdia, nesse horizonte, não é simples exceção às normas, mas uma atitude evangélica de cuidado com as fragilidades humanas, sem perder a referência a Cristo e ao chamado à conversão.

5. Sinodalidade e protagonismo do Espírito Santo

O segundo grande eixo do legado de Francisco foi a sinodalidade. Retomando Dario Vitali, a conferência mostrou a passagem de uma atenção concentrada na colegialidade episcopal para uma participação mais ampla de todo o Povo de Deus, sem eliminar a responsabilidade própria dos bispos. Trata-se também da passagem do sínodo como acontecimento pontual para a sinodalidade como estilo permanente de escuta e discernimento. O Espírito Santo é o protagonista desse caminho: por isso, escutar não equivale a transformar a Igreja em assembleia meramente política. À luz da *Gaudium et spes*, o discernimento dos “sinais dos tempos” procura reconhecer os apelos de Deus na história, interpretando-os à luz do Evangelho. Essa perspectiva é aprofundada no documento da Comissão Teológica Internacional sobre a sinodalidade (2018).

6. Um novo impulso ao método teológico

A conferência relacionou a mudança metodológica aos documentos *Sapientia christiana* (João Paulo II, 1979) e *Veritatis gaudium* (Francisco, 2017), que tratam dos estudos eclesiais. Neste último, Francisco apresenta quatro critérios: contemplação do núcleo do Evangelho; diálogo sem reservas; interdisciplinaridade e transdisciplinaridade; e cooperação em rede entre instituições. O motu proprio *Ad theologiam promovendam* (2023) reforça a proposta de uma teologia contextual, sinodal e aberta aos conhecimentos de outras áreas. A reflexão teológica, portanto, não deve permanecer fechada em si mesma: precisa ouvir a realidade concreta e dialogar com a história, a cultura e as ciências, sem abandonar suas fontes e sua identidade.

7. O magistério das imagens e metáforas

Ao concluir, o palestrante ressaltou a força das imagens empregadas por Francisco. A história de Jonas recorda o risco de uma fé fechada em certezas incapazes de acolher a misericórdia divina; a luta de Jacó (Gn 32) apresenta a oração como encontro que compromete toda a existência; o “pastor com cheiro de ovelhas” exprime proximidade com a vida do povo; a saída de Abraão (Gn 12) ilumina a dimensão missionária da Igreja. A imagem do “Deus das surpresas”, por sua vez, convida à abertura e à confiança na ação divina, que ultrapassa expectativas humanas.

Consideração final

Em síntese, a conferência apresentou como traços do legado de Francisco a recepção criativa do Vaticano II, a tradição compreendida como realidade viva, a corresponsabilidade do Povo de Deus, a centralidade da misericórdia, o discernimento sinodal e uma teologia aberta ao diálogo com o mundo.